

DESENHO E EDUCAÇÃO: ANÁLISE INTERDISCIPLINAR DE IMAGENS NO LIVRO DIDÁTICO

Suely dos Santos Souza

Pedagoga. Estudante do Mestrado em Educação (UEFS).

E-mail: mission.suely@hotmail.com

Gláucia Maria Costa Trinchão

Professora e Coordenadora da Pós-Graduação em Desenho: Mestrado em Desenho Cultura e Interatividade da UEFS.

E-mail: gaulisy@gmail.com;

Joíla Rodrigues de Lima

Graduanda em Pedagogia. (UEFS).

E-mail: Joilarodriguez@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo traz um diálogo interdisciplinar entre o campo da Educação e do Desenho, que aqui se traduz enquanto imagem. Foram selecionados um livro de História e outro de Geografia do 5º ano, adotados no município de Santo Estevão-BA, em 2011. A ênfase está nos textos imagéticos que, como forma de representação e interpretação do mundo, exteriorizam concepções, idéias e valores culturais. Para alcançar o objetivo, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa, selecionou-se duas imagens que fazem referências às comunidades negra e indígena. Para o tratamento desses dados, utilizou-se a análise de conteúdo conforme os pressupostos de análise de imagem (JOLLY, 1994) e o conceito de iconologia (PANOFSKY, 1955), baseado na interpretação e identificação dos valores simbólicos e nos significados intrínsecos de pessoas ou classe social.

Palavras- chave: Interdisciplinaridade, concepções ideológicas, análise de imagens

ABSTRACT

This study presents an interdisciplinary dialog between the field of Education and of the Design, which is here translated as an image. Were selected two books: a History and another of Geography of the 5th grade, both adopted in the municipality of Santo Estevao, BA, in 2011. The emphasis is on imagetec texts that, as a form of world's representation and interpretation, externalize concepts, ideas and cultural values. To achieve this goal, was chosen a research of qualitative approach and analyzed two images that make references to black and indigenous communities. For the treatment of these data, content analysis was used as the assumptions of image analysis (JOLLY, 1994) and the concept of iconology (Panofsky, 1955), based on interpretation and identification of symbolic values and the intrinsic meanings of persons or social class.

Keywords: Interdisciplinarity, ideological concepts, analysis of images.

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz um diálogo interdisciplinar entre o campo da Educação e do Desenho. Este último, compreendido enquanto linguagem e conhecimento, aqui se traduz enquanto imagem. Busca-se, através de pressupostos da História do Livro Didático, subsidiar a compreensão do conteúdo imagético de dois livros: um de História e outro de Geografia, que foram adotados em uma escola municipal da cidade de Santo Estevão, na Bahia, utilizados no 5º ano do Ensino Fundamental, no ano de 2011, identificando as concepções ideológicas de cunho social presentes nas imagens selecionadas. A ênfase está nos textos imagéticos que, como forma de representação e interpretação do mundo, exteriorizam concepções, idéias e valores culturais.

Uma nova postura diante do saber em Desenho o leva para além da instrumentalidade da mão, desenvolvimento de habilidades do olho, da mente e da mera ilustração. Esta mudança no seu entendimento o envolve em contexto de conhecimentos que emergem, também, do campo da análise da imagem, visando garantir a construção de um novo conhecimento, mais globalizante, que estenda e amplie os limites da disciplinaridade a ele impostos pela escola.

No estudo busca-se identificar situações representadas no conteúdo imagético dos livros mencionados, que denotam ideologias expressas em concepções preconceituosas, discriminatórias que por si só desvalorizam o outro. São imagens que, mal selecionadas, mal trabalhadas e inseridas em determinado contexto, findam por serem justificadoras da opressão e das desigualdades que oprimem a sociedade (SILVA, 2004). Geralmente esses conteúdos ilustrativos se apresentam como imagens sedutoras associadas a um texto, mas que podem “perigosamente” influenciar construções sociais dos educandos, imaturos ainda na prática de desvendar intenções, tornando-se, para estes, referência, na medida em que são aceitos sem uma maior análise crítica.

Cabe ressaltar aqui, que este estudo fez parte do desenvolvimento de pesquisa acadêmica realizada no curso de Especialização em Desenho com Ênfase em Memória e Registro e aprofundada, com vistas à escrita de Dissertação em desenvolvimento no Mestrado em Educação, e, portanto, nessa fase ainda se encontra em andamento, Alguns resultados já podem ser apresentados mediante os estudos preliminares, no curso lato sensu, que fornecem um suporte inicial, e embrionário às pesquisas posteriores.

Para alcançar o objetivo proposto, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois a mesma é descritiva, leva em consideração a subjetividade e tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. A investigação adotou os livros didáticos: História - 5º ano, de editora Moderna, projeto Buriti, e o de Geografia - 5ºano: A Escola é Nossa, da editora Scipione, como fonte de pesquisa empírica. Destes, selecionou-se duas imagens que fazem referências às comunidades negra e indígena.

Para o tratamento desses dados, utilizou-se a análise de conteúdo conforme o conceito de iconologia expresso por Panofsky (1955), que se baseia na interpretação, na identificação dos valores simbólicos e nos significados intrínsecos que revelam a atitude básica de pessoas, classe social, crença religiosa ou filosófica. Adotou-se também pressupostos de análise de imagem, pois segundo Joly (1994), os mesmos nos ajudam a compreender o modo como a imagem comunica e transmite mensagens, permitem-nos perceber tudo o que a leitura natural da imagem ativa em nós de convenções, de história e de cultura mais ou menos interiorizadas.

Considera-se então, nessa pesquisa a importância de analisar o livro didático como instrumento pedagógico, não somente no que se refere ao seu conteúdo textual, mas principalmente, quanto às imagens que o compõem e dinamizam sua estrutura, pois as mesmas, como forma de representação e interpretação do mundo, são capazes de exteriorizar concepções, idéias e valores preconizados por pessoas que contribuem para a produção e transmissão de cultura e ideologias, concepções estas, que se tornam parâmetros para os educandos inseridos em nossa sociedade.

O Desenho e a Educação

Para o melhor entendimento dos assuntos tratados aqui, considera-se importante compreender alguns conceitos acerca de Desenho e de Imagem enquanto Desenho.

Sendo uma das formas de manifestação da arte, o desenho caracteriza-se como uma expressão do sujeito enquanto ser social. Para além dos traços, linhas e pontos, o desenho é um tipo de comunicação e como tal, um ato eminentemente social, uma forma de representação daquilo que é vivenciado pelo indivíduo e do mundo em que está inserido.

Compreendendo a área das Ciências enquanto conjunto de conhecimentos resultantes de teorias articuladas com a prática, Gomes (1996), diz que o desenho divide-se em duas grandes categorias, expressional e industrial; e como conhecimento está situado nessa área

científica enquanto conjunto e agrupa os tipos de conhecimentos resultantes da prática, do saber fazer, que refletem a preocupação do ser humano com a apreciação e criação de seus artefatos e comunicações à luz de suas necessidades materiais.

Não somente como ciência, mas sendo a linguagem, segundo Luft (2000) a “faculdade humana de comunicação e tudo o que serve para exprimir ideias e sentimentos”, cabendo à ela o estabelecimento da comunicação entre os indivíduos, entende-se o que o desenho se expressa também nessa categoria, a de linguagem, enquanto expressão comunicativa dos sujeitos.

Citando os pressupostos de George Vasari, Gomes (1996), reflete que o desenho é o pai de todas as artes e implica a ideia criativa na mente do artista. Em seus pressupostos primários, inicialmente foi considerada sua expressão na forma de debuxos (rabiscos, rascunhos, esboços), passando então, a ser entendido em todas as expressões artísticas. Vasari, foi “um dos primeiros a utilizar as expressões “artes do desenho” se referindo à pintura, escultura e arquitetura, e maneira usada para expressar qualidade de graça, pose e sofisticação de um desenho” (GOMES, 1993, p. 31)

Nesse entendimento, considera-se nessa pesquisa o desenho enquanto imagem, que para Joly (1994, p. 13) “indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz e reconhece”.

Nesse aspecto, a imagem é carregada de significados que intrinsecamente expressam as compreensões desse sujeito e sua forma de conceber o mundo, e torna-se importante aprender a lê-las, buscar compreender o que significam os elementos e particularidades de seu conteúdo que vão muito além do que os olhos veem e percebem.

A educação, então, é a responsável por manter um diálogo com esse conhecimento, descortinando as diversas facetas de interpretação do mesmo para que as idéias implícitas nas diversas imagens, e aqui especificamente naquelas inseridas no livro didático, não sejam ignoradas ou inconscientemente apreendidas, se por acaso forem nocivas às noções democráticas de sociedade. Ela deve garantir que os indivíduos desenvolvam uma criticidade, saindo do estado de consciência ingênua ao serem conduzidas por uma prática dialógica e reflexiva.

Dessa compreensão, entende-se a importância da interdisciplinaridade na aquisição do saber. Os conhecimentos relacionados à educação e à análise de imagens não podem ser fragmentados e dissociados como se não existisse relação entre eles na vida prática do homem

e na sociedade, mas estão interligados, e interlaçados entre si. Nesse aspecto, na medida em que a educação “(...) tenta o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas (...) consegue captar a profundidade das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas”. (FAZENDA, 2001, p. 17).

Por meio desse esforço, entendendo que o conhecimento nunca é isolado, mas as apreensões e interpretações perpassam pelas várias áreas do saber, na interdisciplinaridade:

Busca-se estabelecer o sentido da unidade na diversidade, mediante uma visão de conjunto, que permita ao homem fazer sentido dos conhecimentos e informações dissociados e até mesmo antagônicos que vem recebendo, de tal modo que possa reencontrar a identidade do saber na multiplicidade de conhecimentos. (LUCK, 1994, p. 59)

O que se espera, então, é estabelecer níveis de compreensão e entendimento entre a educação e o Desenho, tornando-os comunicativos entre si, de maneira que os indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem tenham condições de ver, sentir e perceber a múltiplas implicações desse conhecimento na educação e na construção social dos indivíduos.

Nesse aspecto o objetivo da interdisciplinaridade é o de:

(...) promover a superação da visão abstrata de mundo e a compreensão da complexidade da realidade, ao mesmo tempo resgatando a centralidade do homem na realidade e na produção de conhecimento, de modo a permitir ao mesmo tempo uma melhor compreensão da realidade e do homem como o ser determinante e determinado. (LUCK, 1994, p. 60)

Uma visão interdisciplinar se mostra extremamente necessária para que as questões sejam entendidas em sua inteireza e para que se possa situar os conhecimentos de análise de imagens na Educação, fazendo com que as áreas específicas não fiquem isoladas, e passem a proporcionar um entendimento maior das múltiplas determinações que constituem a realidade, resgatando uma visão completa da mesma.

Diante dessa análise, é de grande importância o entendimento da importância da análise de imagens no trabalho educacional e para a estruturação do indivíduo na sociedade em que está inserido.

A importância da análise de imagens no livro didático

O livro didático é um dos vários instrumentos utilizados na ação pedagógica, se caracteriza como meio de veicular informações e conhecimentos necessários à aprendizagem. Está presente em todas as séries da educação básica e tem a representação de todas ou quase

todas as disciplinas. Na educação pública, ele é distribuído gratuitamente como base para os conteúdos formais e sua composição tem sido pauta para muitos debates e discussões, em que críticos e analistas dialogam acerca da estrutura e organização de seus conteúdos.

Tal ação regulamentada por lei, é:

(...) controlada pelo estado, que se constitui como sensor do mesmo através de legislação criada em 1938 pelo Decreto-lei 1.006, consolidado em 1945 pelo decreto nº 8. 460. A partir de então os livros só podem ser adotados em todo o território nacional com autorização prévia do Ministério de Educação. (SILVA, 2004, p. 52)

Também pelo Decreto nº 91.542 de 19 de agosto de 1985 que institui o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, e determina que:

Art. 1º - Fica instituído o Programa Nacional do Livro Didático, com a finalidade de distribuir livros escolares aos estudantes matriculados nas escolas públicas de 1º Grau.

Art. 4º - A execução do Programa Nacional do Livro Didático competirá ao Ministério da Educação, através da Fundação de Assistência ao Estudante – FAE, que deverá atuar em articulação com as Secretarias de Educação dos Estados, Distrito Federal e Territórios, e com órgãos municipais de ensino, além de associações comunitárias. (D.O, 1985. Pág. 12178 Seção I)

O livro didático, então, não é um material qualquer, mas é instrumento pedagógico instituído por Lei para ser utilizado nas escolas da Educação Básica, que compreende o Ensino Fundamental e Médio em nosso país.

Segundo Freitag (1997, p. 174), uma das melhores definições para as funções do livro didático assevera que elas consistem em: “a) padronizar e delimitar a matéria; b) apresentar aos docentes métodos e processos julgados como eficientes pelos seus autores para melhorar os resultados do ensino e c) colocar ao alcance de todos, especialmente alunos, estampas, desenhos, mapas e textos de difícil acesso ou muito raros”. Essas funções estão explícitas nos livros História e Geografia - 5º ano, como constata-se nessa pesquisa, pois os mesmos têm uma apresentação que se adéqua à definição dada por essa autora.

Segundo essa definição, apesar de ser primariamente um instrumento para veicular conhecimentos, fica muito claro o potencial dos livros História e Geografia - 5º ano para serem colocados a serviço de concepções idealizadas de sociedade, trazendo em seu interior valores, crenças e posições de uma determinada classe social, a classe que domina, por meio daqueles que participam ativamente da definição dos conteúdos desse livro, conseqüentemente, tornando-se um veículo transmissor, com a função de perpetuar as

ideologias e desse modo explicar os atos de indivíduos, a realidade, as relações sociais existentes, dentre outros.

Sobre isso, Faria (2002, p. 77) diz que:

O livro didático não é desligado da realidade, ele tem uma função a cumprir: reproduzir a ideologia dominante. A ideologia dominante também não é desligada da realidade, ela também tem um papel e o cumpre. O que ocorre é que a ideologia dominante considera a produção intelectual autônoma e desconhece a base material como instância determinante. Então expressa através de valores universais os interesses da burguesia e justifica a conservação das relações existentes (...) através desse mecanismo, o livro didático serve à manutenção dos interesses da classe dominante (...) e contribui para justificar e manter a realidade, reproduzindo-a.

Dessa forma, os livros História e Geografia – 5º ano são exemplos de instrumentos que servem à essa dominação ideologia histórica que em sua trajetória possui a função maior de coersão social “... fazendo com que o legal apareça para os homens como legítimo, justo e bom... e a dominação de uma classe pela outra através de leis ou representações dessas leis como legítimas, justas, boas e válidas”. (CHAUÍ, 1995, p. 91). Esses discursos preconizados pelos que dominam, possuem a intenção de mascarar a realidade e ocultar a verdade dos fatos, legitimando a situação existente com a argumentação de que toda situação social faz parte de um fenômeno natural.

Depois da linguagem oral e escrita, uma das melhores formas de comunicação, é o registro de imagens, que tem em si um potencial inquestionável para a transmissão de mensagens, devido à capacidade criativa do ser humano em reproduzir projeções mentais daquilo que pensa ou sente. Por sua vez, esse potencial também vai além da transmissão, se estendendo à recepção dessas mensagens, trazendo uma compreensão específica e oferecendo, segundo Casasús (1979, p. 71), “a qualquer homem a possibilidade de escapar às dimensões contingentes de espaço e tempo em que vive”.

Esse potencial para comunicação se acentua quando ainda em uma mesma obra une-se a linguagem escrita e as imagens. Os livros didáticos História e Geografia - 5º ano foram tomados como exemplos desse pressuposto, pois esses instrumentos se encontram repletos de imagens que possibilitam ao sujeito idealizar o tempo a que se referem e as condições sociais, econômicas e culturais de tais épocas, fazendo-o se reportar àqueles ambientes por meio de seu potencial imaginativo.

Podemos entender, então, a imagem como sendo a representação visual de algo que queremos transmitir, real ou imaginário, um objeto ou uma idéia, ao qual delegamos uma forma carregada de idealismo e que transmite uma projeção mental daquilo que imaginamos, de acordo com a vivência sociocultural de cada um de nós, nesse sentido “uma dada imagem é

uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz”. (BORGES, 2008, p. 80).

Assim, a imagem revela a expressão de concepções, conceitos e valores que o homem possui em sua mente de acordo com sua história e constituição social. Marcondes Filho (1985, pg. 64), abordando a fotografia e a pintura, afirma que:

A arte é alguma coisa a mais; ela inclui necessariamente uma mensagem que vai além da pura manifestação de técnicas e, ao incluir a mensagem, ela reproduz necessariamente o mundo e a visão de mundo daquele que está pintando. Assim, quando se faz a Arte de fato, expressa-se ideologia, pois à medida que eu coloco alguns temas em meus quadros, estou lhes dando um destaque, um projeção, eu os estou valorizando, estou tomando um tipo de partido, de uma forma ou de outra.

Na mesma reflexão, ainda esse autor diz que: “(...) não há Arte sem ideologia; afirmar o contrário seria o mesmo que dizer que há Arte sem participação do autor. Participação do autor significa exprimir, com linguagem artística, sua relação com o mundo, seus conflitos e sentimentos”. (MARCONDES FILHO, 1985, p. 72)

Nesse sentido, a imagem, como arte, possui em si significados e propriedades comunicativas que vão além do texto verbal e nessa relação, como texto não-verbal, é de grande eficácia, pois, por sua produção de sentidos que nos afeta a partir da percepção visual, insere-se na mais profunda capacidade de visualização de nosso cérebro, produz efeitos diversificados em nossa memória e em nossas concepções.

Podemos afirmar então, no contexto específico dessa pesquisa, que as imagens dos livros didáticos História e Geografia - 5º ano, nesse aspecto, estão longe de serem artifícios neutros, pois estas acolhem significados diversos, que permitem interpretações também diversas, na medida em que o receptor passa a decodificá-los de acordo com sua capacidade cognitiva, consciente ou inconscientemente.

Assim, um mundo de significações pode ser apreendido através de tais imagens, por meio de reflexão e associações, mostrando extrema competência para a transmissão de conteúdos culturais e ideológicos, aspectos estes que serão apreendidos, produzindo e reproduzindo as idéias que se buscam ser concebidas, pois nestas “há emoção, há manifestação e apelo aos sentimentos (...) mexem diretamente com o receptor e põem em questionamento a posição deste em relação ao tema”. (MARCONDES FILHO, 1985, p. 68)

Sobre isso Fischman (2004, p. 119), citando Foucault (1980), em sua reflexão ressalta que:

(...) é importante enfatizar que ao utilizar imagens, tais como fotografias, não devemos considerá-las como neutras - simples documentos captados por uma lente (ou por um artista). Ao fazer isso, as limitaremos a objetos “naturais”, quando, de fato, essas imagens são socialmente construídas dentro de regimes específicos de verdade entendidos como “um conjunto de regras de acordo com os quais o verdadeiro e o falso são efeitos separados e específicos do sistema de poder”.

Dessa forma, a imagem pode ser projetada de maneiras diversas de acordo com objetivos definidos a partir de quem se pretende alcançar e o que se pretende produzir, podendo assim transmitir conceitos e desejos comerciais e mercadológicos, idéias e comportamentos, valores e concepções. Relacionando aqui os livros didáticos estudados, observa-se nessa pesquisa, que algumas imagens contidas nos livros História e Geografia – 5º ano, transmitem conceitos visivelmente ideologizados de comportamentos, concepções, noções de estética, dentre outros.

Na intenção de entender e tentar clarificar um pouco mais essa relação entre arte e manipulação ideológica, pondera-se aqui o que diz Santaella (1985, p. 20) ao falar sobre a ideologia da arte:

(...) os processos ideológicos em sociedades historicamente determinadas são intensamente mais complexos do que o simples reflexos das idéias dominantes, visto que colocam em defrontamento visões de mundo divergentes e contraditórias. Por terem em mãos o poder econômico, as classes opressoras dele fazem uso para ensurdecer, ocultar ou neutralizar as divergências e contradições. Não sem razão os mecanismos de acesso à arte, em sociedades de classes, são rigidamente controlados, pois toda grande arte assim o é porque se objetiva como que num ponto de confluência histórica de várias ideologias ou de fragmentos de ideologias oriundas de classes diversas.

E para que isso se concretize a autora afirma que...

(...) a estratégia mais usual é a ideologia do significado, ou seja, as leituras centradas no temático que visam a ocultar o potencial transformativo da obra, estreitando-a nos canais de reprodução das condições de produção dos temáticos previsíveis, assimiláveis e facilmente manipuláveis. (SANTAELLA, p. 23)

Esta é uma importante particularidade da arte, seja ela de qual natureza for - pintura, escultura, fotografia, dentre outras, pode ser estreitada por mecanismos designados a manipulação por meio de concepções ideológicas. E no que se refere à imagem, esta pode ser utilizada sozinha ou em auxílio a um texto verbal, aqui exemplificado pelas imagens históricas dos livros História e Geografia - 5º ano, para afirmá-lo e complementá-lo, de acordo com o que se quer trabalhar, a depender dos padrões sócio-culturais e ideológicos daquele que produz ou idealiza determinada imagem.

Confirmando esses pressupostos, Arnheim (2002) ao falar sobre o simbolismo na arte, preconiza que em uma produção artística, o assunto e seu arranjo são planejados e pensados para corporificar uma idéia, dessa maneira, o conjunto de fatos visuais serve para objetivos

definidos e, assim, tais componentes visuais não são nem arbitrários e nem um mero jogo de forma e cores, mas servem para dar corpo a um universo invisível.

Nesse sentido a análise crítica de imagens do livro didático, torna-se imprescindível e de importância crescente, na medida em que este é um dos instrumentos utilizados em escolas públicas, pois os conteúdos carregam propósitos que devem ser entendidos e analisados para serem aceitos ou não, desconstruídos ou reafirmados. Isso se intensifica quando entendemos o perigo social de determinados discursos ideológicos e seus efeitos sobre os indivíduos influenciados. Diante desse fato, uma análise cuidadosa sobre os discursos ideológicos imagéticos não só dos livros aqui analisados, mas dos livros didáticos como um todo, mostra-se sobremaneira relevante, tendo em vista que estes representam uma forma de expressão do discurso do poder e do status vigente que persiste em predominar.

Devido a esses discursos constata-se que a desigualdade, historicamente, afeta grande parte das populações, e os mesmos buscam meios para reprodução e divulgação de suas concepções e valores. Dentre os muitos meios, não há de se negar que nas manifestações artísticas diversas encontram uma forma dinâmica de alcançar as consciências, e dentre tais manifestações, aquelas utilizadas no conteúdo imagético, na composição do livro didático.

Assim, a análise das mensagens contidas nas imagens dos livros História e geografia – 5º ano, nesta pesquisa, sendo apenas o início de um estudo mais aprofundado, contribui para a reflexão sobre o processo de decodificação das mensagens ideológicas no livro didático de forma mais abrangente. Tal estudo não é um trabalho fácil, pois é preciso, segundo Joly (1994), decifrar aquelas significações que a “naturalidade” aparente das mensagens visuais implica, e principalmente a finalidade inerente para que são utilizadas no contexto específico, tornando-se extremamente complexo, na medida em que...

(...) ninguém tem a menor idéia do que o autor quis dizer; o próprio autor não domina toda a significação da imagem que produz. Tampouco ele é o outro, viveu na mesma época ou no mesmo país, ou tem as mesmas expectativas. (...) Interpretar uma mensagem, analisá-la, não consiste certamente em tentar encontrar ao máximo uma mensagem preexistente, mas em compreender o que essa mensagem, nessas circunstâncias, provoca de significações aqui e agora, ao mesmo tempo em que se tenta separar, o que é pessoal do que é coletivo. (JOLY, 1994, p. 44)

É importante considerar que nessa reflexão não se julga aqui o valor da obra em si, mas o que se analisa é o propósito com que é utilizada, o processo de decodificação, de interpretação, os sentimentos que se quer despertar, os conceitos que se quer construir por meio do uso dessas imagens, o que se aproveita da mensagem que o autor da obra quis passar. Bem como o papel da imagem na aquisição de saberes, dos conteúdos discursivos, analisando

que a problemática em torno do entendimento e análise de imagens não perpassa somente pelo simples uso de formas, cores, perspectivas, mas remete-nos ao plano simbólico que devido a sua abstração, envolve não somente o visível, mas o subjetivo, responsável pela complexidade na construção e transmissão das mensagens e dos significados.

Dessa forma, precisamos considerar neste papel os sentidos dos diálogos que pretende manter com os indivíduos não somente por si mesma, mas pela interação que produz por meio deste caráter simbólico intrínseco que pode representar idéias ou pensamentos socialmente estabelecidos, e que, por meio de efeitos estéticos, busca sensibilizar o indivíduo reforçando seu conteúdo e, nessa relação, torna-se uma unidade auto-suficiente, cujo conteúdo transcende os aspectos visualmente apresentados.

Tendo em vista tais análises, apresenta-se aqui algumas reflexões sobre duas imagens que fazem referência aos povos indígena e negros.

Representações do índio e do negro no livro didático

Destacam-se dois exemplos de imagens que permitem interpretações e concepções diversas acerca da figura do povo indígena e do povo negro brasileiros. Como foi proposto nessa investigação, procura-se examinar elementos sociais, nos livros História e Geografia – 5º ano, identificando concepções ideológicas, verificando se tais concepções estão em concordância com as concepções expressas pela classe dominante e entender quais as influências que estas concepções podem exercer sobre a constituição social das crianças desse ano do Ensino Fundamental.

Os dois livros selecionados são exemplares de manual do professor e produzidos para a serem utilizados nas escolas públicas. O livro História – 5º ano é um manual de história do Brasil, foi desenvolvido e produzido pela editora Moderna. O presente exemplar é composto de 224 páginas, das quais 136 são conteúdos para serem trabalhados com o aluno e 88 páginas são Orientações e Subsídios ao Professor. O livro Geografia: A escola é nossa – 5º ano foi desenvolvido e produzido pela editora Scipione, é composto de 207 páginas, das quais 159 são conteúdos para serem trabalhados com o aluno e 48 páginas compõem a Assessoria Pedagógica ao professor.

Os livros contêm imagens ilustrativas em quase todas as páginas, que são compostas por desenhos, pinturas e fotografias, mostrando as terras brasileiras em mapas, lugares, como

engenhos, fazendas, florestas, cidades, casas, igrejas; também personagens históricos como os governantes das diversas épocas e o povo brasileiro em sua formação diversificada ora mostrando o índio, ora o negro, o colono e o cidadão brasileiros, assim, aparecem neste material, imagens de crianças, homens e mulheres. Algumas são imagens bem nítidas, limpas, que permitem perceber os detalhes, no entanto algumas são imagens escuras, com uma definição bastante duvidosa, cujos detalhes acabam ficando embaçados e de difícil percepção. As imagens aparecem coloridas, mas também há imagens em preto e branco, a grande maioria delas possui uma referência explicativa, outras não possuem referência alguma.

Entende-se que as imagens selecionadas retratam uma época e são usadas para ilustrar as condições sociais e econômicas dos referidos períodos, no entanto, o que se constata aqui é que o trabalho com os conteúdos acaba sendo restrito não abrangendo nenhuma referência às discussões atuais acerca de tais assuntos e não trazem nenhuma característica construtiva das imagens utilizadas, assuntos que poderiam ser melhor abordados se na parte de reflexão e contextualização fosse refletido sobre as discussões que se fazem hoje e a visão moderna de tais personagens.

Imagem 1- O índio

A abordagem ao personagem indígena no livro didático, em um contexto geral ocorre como um integrante de uma cultura do passado, ultrapassada e com traços de barbárie. Muito raramente encontramos menção à sua importância na formação da nação brasileira. Uma abordagem preconceituosa, estereotipada e carregada de etnocentrismo está bastante explícita na grande maioria dos livros que se referem ao índio brasileiro.

Bittencourt afirma que “os grupos indígenas (...) eram representados como “selvagens”, e as cenas escolhidas eram predominantemente de guerras e rituais antropofágicos. (...) o índio prosseguia como “selvagem” e ainda responsável pela mestiçagem, preguiça e aversão ao trabalho produtivo da maior parte da população brasileira”. (BITTENCOURT, 2006, p. 82, 84)

No passado colonial, a idéia que se tinha acerca do índio era de um personagem exótico das terras tropicais brasileiras, cujas práticas refletiam a selvageria característica de povos bárbaros, e a cultura nada mais era do que um misto atrasado de ações irrefletidas,

instintivas e desprovidas de qualquer possibilidade de progresso, tal como a antropofagia. Tais ideias eram advindas da concepção de paganismo do catolicismo medieval.

Nesse aspecto o sentimento que prevalecia era a superioridade cristã diante daquele povo nativo tido como “degenerado”, e isso justificava o empreendimento de conquista que se propuseram os religiosos europeus, bem como a posterior quase extinção dessa raça.

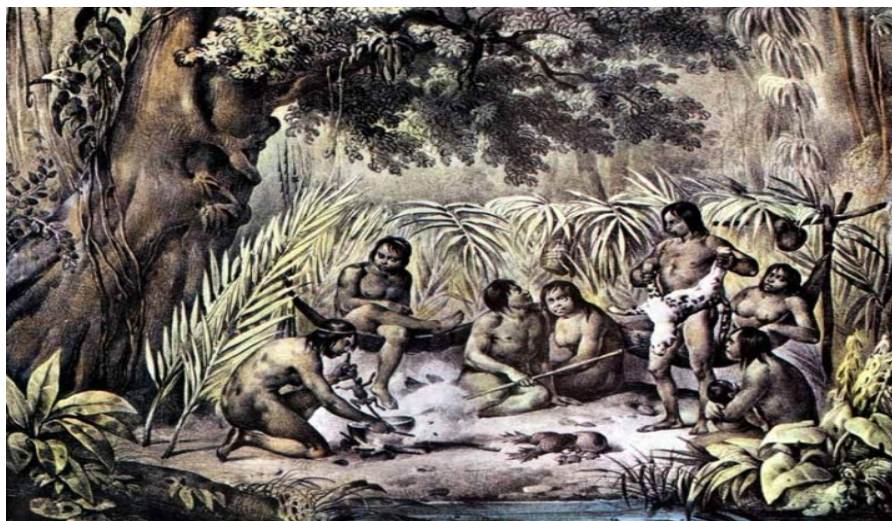
Grupioni (1998, apud Mariano 2006, p. 65), afirma que:

Dos descobridores aos nossos contemporâneos, as sociedades indígenas foram, quase sempre, projetadas ao lado da natureza por uma cultura incapaz de acolher a alteridade. Figuras como a de bárbaros, bons selvagens, primitivos e arcaicos foram elaboradas nesse processo de contato, pacificação e convívio experimentado pelas populações nativas no Novo Mundo após a chegada e instalação dos europeus.

Dessa forma, a concepção dos personagens indígenas nos séculos anteriores era reproduzida por algumas camadas sociais, como herança desse conceito europeu, como seres inferiores, destituídos de inteligência e beleza.

Tal concepção reflete valores, e noções de mundo destituídas de respeito e valorização ao próximo e à sua cultura, demonstrando um exemplo de ideologias extremamente etnocêntricas.

A imagem selecionada sobre o índio intitulada “Índios em sua cabana”. Os índios aqui representados aparecem como um grupo no momento de interação, em que descansam e desfrutam da caça.



Imag. 01: Índios em sua cabana¹ - Rugendas- Sec. XIX. 1393 × 1216. Litografia. Fonte: http://alemparaibahistoria.blogspot.com.br/2010_04_01_archive.html/ Livro de Geografia. 3ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 2008, p. 105.

¹ A imagem extraída da internet, devido à qualidade muito baixa da definição da mesma no livro pesquisado.

A um primeiro olhar, grande parte dos valores simbólicos que acolhem essa imagem passam despercebidos, no entanto, é visível que os personagens aqui aparecem deformados, com aspecto animalesco em uma aparência associada a de macacos. Aparecem em posições que demonstram uma descontração que despercebidamente, ao olhar e imaginar um momento de descanso, não percebe-se a presença dos conceitos de que a raça indígena era uma raça preguiçosa e primitiva que se igualava aos primatas das terras tropicais.

Tal imagem demonstram as concepções de que essa raça era um povo atrasado, em uma visão preconceituosa tais personagens são menosprezados e ridicularizados, como se fossem uma parte escusa da história do Brasil. Constata-se assim, que elementos nitidamente ideológicos ainda permeiam as concepções acerca do personagem indígena e de sua cultura no livro didático.

O texto verbal a que são associadas essas imagens aborda a diversidade dos povos existentes no Brasil colônia, a origem desses povos e o crescimento da população brasileira. Nenhuma característica construtiva é associada à cultura desse povo, como um conhecimento que dignifique e contribua para a construção da nação brasileira. Mesmo um livro atual como Geografia: a escola é nossa - 5º ano não demonstra uma maior importância à cultura e ao personagem do índio, e o texto verbal a que tais imagens estão associadas, nada expressa de maior valorização e defesa desse personagem com a intenção de reparar e desconstruir as concepções do passado colonial e da sociedade dominante.

Sabe-se que os indígenas são portadores de um conjunto de saberes historicamente construídos que fazem parte de uma ciência étnica, cujos remédios naturais e conhecimentos acerca da natureza estão sendo aproveitados pela ciência na medicina, como também por outras áreas como biologia, astrologia, astronomia, ecologia, dentre outros. Conhecimentos esses, que precisam ser valorizados e apropriados como nossos, de nossa cultura brasileira.

O livro Geografia: A escola é nossa - 5º ano é um exemplo de material que não dá a importância devida ao personagem indígena, cuja construção ideológica não se preocupa em refletir sobre o atual lugar que a figura do índio tem alcançado nas discussões acadêmicas e sociais.

Imagem 2- O negro

A imagem selecionada está situada no livro História – 5º ano, no período do Império. Retrata o momento da história em que acontecia a escravidão dos negros africanos pelos

brancos europeus, período este marcado pelo tráfico negreiro caracterizado por muita crueldade, por meio dos castigos e maus tratos e injustiça social. À mão de obra negra era relegado o trabalho braçal e todas as atividades que exigiam o esforço físico, e ainda havia os escravos domésticos que cuidavam dos afazeres das casas de seus senhores. Essa época retrata como os negros foram espalhados pelo território brasileiro e como contribuíram para aumentar a riqueza de seus senhores, mas também sua resistência e sofrimento.

Os negros que se tornaram essenciais para o desenvolvimento econômico de então, eram também as maiores vítimas da injustiça social da época, passando a serem alvos de preconceitos, e discriminação, pela sua cor e raça, advindos da situação histórica desse povo. Estes sempre foram dessa forma, retratados nos livros didáticos por meio de imagens que ilustram sua entrada e permanência nas terras brasileiras, as relações que se estabeleceram entre estes e a sociedade branca colonial, mas muitas delas sob o olhar da imagem do racismo que se estabeleceu no pensamento social. É visível que:

O racismo contamina o imaginário social afetando as relações sociais e hierárquicas atuais. Estabelece-se assim um ciclo de racismo entre gerações que ao ter esse conhecimento dos livros didáticos perpetua o mesmo enredo nas escolas. (...) encontraremos o escravo negro em condição submissa onde retratam uma visão estereotipada e violenta que reafirma a subalternidade do negro e seu lugar de “coisa” e passiva” diante da violência que foi submetida. Essas imagens de espaços de submissão, que se instauraram no pensamento coletivo pedem para ser ressignificadas (...). (AZEVEDO, 2011, p.05)

Não diferente da abordagem feita aos indígenas no livro didático por muitas décadas, vemos que o conteúdo eurocêntrico estereotipado também se mostra determinante no que se refere a esse assunto. O branco e sua cultura sempre ganharam predominância nas representações contidas nesse material, este sempre esteve em posições de destaque, nas melhores profissões e ilustrados como exemplos de beleza e domínio, exteriorizando a concepção de superioridade da raça branca sobre a negra, reflexo da construção social histórica. Já o personagem negro como figura destituída de beleza, inteligência e cuja cultura não merecia respeito e consideração, através de imagens negativas e inferiorizadas.

É constatado que o preconceito e a discriminação que a sociedade possuía e ainda possui, de forma mascarada, por esse povo também se expressa no livro didático e, os mesmos refletem as concepções antagônicas entre o branco e o negro e nesse aspecto:

(...) esses livros veiculam a relação opressor-oprimido, o branco é o representante da espécie com atributos tidos como universais (...) evidenciou-se pelo desempenho das atividades profissionais mais diversificadas. O negro foi associado a personagens

maus, à sujeira, à tragédia, à maldade. O branco representou os santos, os ricos e os heróis. (SILVA, 2004, p. 29)

A imagem selecionada é utilizada no livro História – 5º ano para abordar o assunto das festas populares no tempo do Império, é então, uma imagem que ilustra uma festa do povo negro e uma festa católica, a festa do divino.



Imag. 02 e 03 - Batuque em São Paulo² - Spix e Martius – 1817- 500 × 350. Litografia Fonte: http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am540_2003/edu/produto/escravidao/resistencia2.htm - Festa do Divino - Guillobel - 1816. Fonte: História. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2007, p. 56.

Comparando as festas populares na época do Império, o texto verbal se refere às mesmas explicando a festa do divino como uma manifestação católica e explica sua dinâmica religiosa, já quando fala da festa dos negros refere-se a ela como “outra festa que reunia pessoas era o **batuque dos pretos**”-grifo do autor- (História, 2007, p. 56), dizendo que no dia de Santa Ana os escravos e homens livres cantavam e dançavam.

Essa imagem reflete claramente a concepção de degradação física e moral que se tinha dos negros. As pessoas são ilustradas descalças, o que era “um dos símbolos de subalternização que marcam a escravidão na iconografia do séc. XIX” (JOVINO, 2007, apud. OLIVEIRA; AGUIAR; SILVA, et. al. 2007, p. 30), de maneira deformada, novamente com aparência animalésca e ainda as mulheres que danças estão vestidas vulgar e desleixadamente, com roupas que deixam à mostra seus seios enquanto dançam. Vemos ao fundo que um homem branco, um guarda talvez, observa a cena com os braços cruzados e uma postura de desprezo. Enquanto na outra figura, os personagens aparecem de maneira austera, elegante e ordeira, passando uma postura de serenidade e superioridade cultural.

² A imagem extraída da internet, devido à qualidade muito baixa da definição da mesma no livro pesquisado.

A exposição dessas cenas e o silêncio em relação a posteriores esclarecimentos, deixa explícita a concepção estereotipada acerca da cultura negra, confirmando que:

A discriminação estendia-se também ao campo cultural: as festas e os bailes freqüentados pelos escravos e pelos pretos pobres eram condenados pela burguesia comerciante e vistos como manifestações obscenas e primitivas; os cultos afro-brasileiros eram taxados de superstições grotescas. (FERRETTI, 2007, p. 03)

Fica claro que não há intenção alguma nesse livro de desconstruir preconceitos e estereótipos em relação ao povo negro e sua cultura, o mesmo contribui para a continuação da visão simplificada da cultura negra, dando continuidade à visão negativa do negro e da sua cultura, como um grupo racial étnico de menor ou nenhuma importância para a nação brasileira, contrapondo-se até à LDB e à Lei 10.639/2003 sobre o ensino e valorização da cultura negra.

Nesse aspecto o ambiente escolar e os instrumentos pedagógicos precisam se adequar as novas realidades, as novas visões e novos conceitos que estão sendo construídos mediante lutas e reflexões sobre conceitos, valores e concepções sobre a cultura afrodescendente e o povo negro brasileiro. O livro estudado certamente teria a possibilidade de trabalhar melhor e mais contextualizada e democraticamente esse conteúdo, preocupando-se em analisar e refletir sobre a presença desse personagem, bem como sua cultura no país, buscando desconstruir as concepções estereotipadas e preconceituosas que foram estabelecidas no ideário da sociedade brasileira acerca desse povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise de duas imagens selecionadas, conclui-se que nenhuma característica construtiva é associada à cultura desses povos. Mesmo em livros atuais como Geografia: A escola é nossa e História - 5º ano, o texto verbal a que tais imagens estão associadas, nada expressa de maior valorização e defesa aos personagens do índio e do negro e sua cultura, com a intenção de reparar e desconstruir as concepções do passado colonial e imperial e da sociedade dominante.

Para uma abordagem mais contextualizada, o livro poderia trazer nas aplicações práticas reflexões sobre a importância do índio e do negro para a construção da nação brasileira, noções de estética e beleza valorizando as particularidades desses povos, e em uma parte específica poderia trabalhar esses personagens nos dias de hoje, suas lutas, movimentos de afirmação, e contribuição das culturas indígena e negra para a cultura brasileira atual,

dando à mesma a devida importância. Isso expressaria uma educação realmente contextualizada e democrática.

Acredita-se na contribuição desse estudo ao analisar as representações visuais que compõem o livro didático na busca de desvendar as mensagens por detrás da sensibilização estética, pois as imagens, como constata-se aqui, carregam em si grande potencial para exteriorizar concepções, preconceituosas, discriminatórias e estereotipadas que precisam ser percebidas e desconstruídas.

Essa análise se mostra necessária para uma educação contextualizada, baseada na ação pedagógica crítica na busca por um ensino reflexivo, de forma que a influência sobre a constituição social das crianças não aconteça de maneira parcial, marcada pelas concepções de uma parte da sociedade que não representa o contexto em que estão inseridas e, para tanto, o desenvolvimento de uma consciência analítica se faz extremamente necessário.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. Trad. Ivone Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira, 2002;
BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008;

AZEVEDO, Evelyn Louise Almeida de. **Imagens de escravidão negra no livro didático de história após**: a lei 10.639/03. XI Congresso Luso afro-Brasileiro de ciências sociais. Salvador: 2011. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306761165_ARQUIVO_evelyn_cefet.pdf. Acessado em: 07 de março de 2012.

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 11ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006

BRASIL. Diário Oficial. **Decreto nº 91.542 DE 19 de Agosto de 1985**. p. 12178 Seção I. Disponível em: http://www.abrelivros.org.br/abrelivros/01/index.php?option=com_content&view=article&id=39:decreto-no-91542-de-190885&catid=20:legislacao&Itemid=31. Acessado em: 07 de Março de 2012;

CASACÚS, José M. **Teoria da imagem**. Rio de Janeiro: Salvat editora do Brasil S.A., 1979;

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 39ª Ed. São Paulo: 1995;

FARIA, Ana Lúcia G. de. **Ideologia no livro didático**. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2002;

- FAZENDA, Ivani C.A. **Práticas Interdisciplinares na escola**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2001
- FERREIRA, Edson Dias. **Desenho e antropologia: influências da cultura na produção autoral**. Graphica, 2005;
- FERRETTI, Sergio F. **Preconceitos e proibições contra religiões e festas populares no Maranhão**. IX Simpósio anual da Associação Brasileira de História das Religiões em Viçosa, MG. 2007. Disponível e; <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Preconceitos.pdf>. Acessado em: 07 de março de 2012
- FISCHMAN, Gustavo E. **Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa social**. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004;
- FREITAG, Bárbara. COSTA, Wanderley F. da; MOTTA, Valéria. **O livro didático em questão**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997;
- GOMES, Luiz Vidal N. **Desenhismo**. Santa Maria - RS: Ed. Universitária da UFSM, 1996;
- HISTÓRIA. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2007, p. 56;
- JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagens**. Campinas- SP: Papyrus, 1994
- LUCK, Heloisa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2000;
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O que todo cidadão precisa saber sobre ideologia**. São Paulo: Global Editora: 1985;
- MARIANO, Nayara Rodrigues Cordeiro. **A representação sobre os índios nos livros de História do Brasil**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Popular, Comunicação e Cultura, do Centro de Educação, da Universidade. João Pessoa- PB: 2006. Disponível em: <http://www.ce.ufpb.br/ppge/Dissertacoes/dissert06/Nayana%20Rodrigues/A%20REPRESENTA%C7%C3O%20SOBRE%20OS%20%CDNDIOS.pdf>. Acessado em: 05 de Março de 2012;
- OLIVEIRA, Iolanda; AGUIAR, Márcia Angela; SILVA; Petronilha Beatriz Gonçalves, (et. al.)(orgs.). **Negro e educação 4: linguagens, educação, resistências e políticas públicas**. São Paulo: Ação Educativa, ANPED: 2007)
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1955.
- SANTAELLA, Lúcia. **Arte e cultura: equívocos do elitismo**. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 1995;

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

VIDAL, Wanessa Pires Garcia; MARTINEZ, Rogério. **Geografia**. A escola é nossa. 5º ano. 3ª ed. São Paulo: Scipione, 2007. Coleção A escola é nossa.

IMAGENS

Batuque dos pretos

http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am540_2003/edu/produto/escravidao/resistencia2.htm

Índios em sua cabana

http://alemparaibahistoria.blogspot.com.br/2010_04_01_archive.html